



REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,
ARTES LETRAS e COSTUMES.
DIRECTOR - MARCELLINO MESQUITA

PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa Redação e Administração T. DA BOA-HORA, 39 Composição e Impressão Lythog. Universal LARGO DO CARMO, 17

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Estrangeiro Anno (52 num.)	1\$500 réis	Lisboa, provincias e Africa Portuguesa Anno (52 numeros)	1\$000 réis
Brazil Anno (52 num.)	2\$500 réis	Semestre 26 (numeros)	4\$500 réis
Cobrança pelo correio	4\$100 réis		

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39



ABEL BOTELHO

ABEL BOTELHO

Na pequena ala dos romancistas portuguezes tem hoje a primazia, Abel Botelho, um temperamento de artista, cheio de energia, de viris faculdades de luctador e de crente.

A sua obra augmenta, dia a dia, de valor, em cada volume novo que vem integrar-se na série de estudos sociaes, tão superiormente observados e tão pujantemente escriptos.

Prova-o o seu ultimo volume *Amanhã*, a sua ultima victoria.

N'este acanhado meio litterario, incensador de futilidades, apraz-nos reconhecer o valôr de um artista como Abel Botelho e honrando o nosso jornal, com a publicação do seu retrato, felicital-o sinceramente pela sua obra, credora do mais alto elogio.



TOIROS

Quem nunca esbarrou, de repente, com uma manada de toiros — a trote por uma estrada poeirenta — luzidios, nervosos, desconfiados, n'um barulho atroadôr de chocalhos; quem, nunca, montando um cavallo e de vara ao hombro, ladeou o ruidoso grupo, olho nos bichos, cavallo na mão, vara prompta, sentindo de quando em vez pela perna ou no estribo, o roçar d'um chavêlho que sãe da fôrma ou que abre caminho, não conhece um dos mais bellos quadros do Ribatejo, nem sentiu uma das mais bellas impressões em sua vida.

A belleza do quadro está na intensidade do movimento, no pittoresco das côres que brilham e se apagam; na variedade dos tons que vae do loiro claro dos cabrestos, ao negro retinto dos toiros; do verde dos barretes, ao pinhão das jalecas; do encarnado das cintas, ao azul ferrete dos calções; do amarello dos sapatos e dos estribos, ao branco das fivellas.

A' luz do sol, a passagem da manada, pela rua unica da aldeia, envolta em côres e ruidos, gritos de campinos, ladros de cães, grasnar de patos assustados, pios de galinhas, grunhir de porcos, berros de mulheres, ás portas, chamando os filhos, n'um trote rasgado, encuzada em pó, rapida, inesperada, tem o quer que seja de theatral, que causa, no momento, uma impressão de receio e que deixa, ao fugir, uma sensação de sonho, mas sonho bom, alegre, fresco, cheio de repiques de festa e de foguetes que estalam.

A grandeza da impressão está no goso intimo de ladear o perigo, de ter a vida em risco, e n'essa camaradagem com a valentia, tão nobre, que, no mundo, só pôde equiparar-se-lhe a da honradez.

D'aqui derivando para uma tarde de toiros, uma toirada, a mesma impressão nos assalta.

Não será, decerto, uma corrida de toiros, mesmo á portugueza, um espectáculo em que, uma vez por outra, uma nota brutal, deixe de apparecer. Todavia, na corrida vulgar, em que todo o mal se resúme no cravar das farpas, se bem que os toiros preferissem — tenho a certeza d'isso — um bom chão de pastagem, á caricia dos ferros, não é isto caso para levantar as mãos ao céu, em gritos de horror, pela barbaridade.

Interpõe-se, indiscutivelmente, no espectáculo a qualquer outra impressão, o brilhantismo da quadilha, a graça esthetica do manejo dos cavallos, o garbo dos cavalleiros, a suprema elegancia dos bandarilheiros, no flamante das vestes, executando as sortes.

Paíra por sobre todos os trabalhos, aquella nuvem da coragem, affrontando os perigos tantas vezes incalculaveis, tão grata ao coração nosso, aventureiro, tão imperiosa nos coraçãoes das mulheres.

Vibra-se e vive-se, n'uma excitação nervosa de horas, na plenitude d'uma vida real, expontanea, de raça, no meio de receios e de alegrias, de impetos e de commoções ternas, n'uma atmospherã — porque não osare! dizel-o? — de arte!

O valor humano alli se mostra tão alto como no renhido das batalhas, por vezes; e a graça summa do movimento, tudo que de mais bello a linha do corpo do homem, pôde emprestar á estatuarã, é preciso copial-o, no corpo de um Guerrita, movendo a muleta, em frente da morte, como um leque de hespanhola em frente d'um amante.

Ora a multidão, o povo o que alli vae procurar, sobretudo é a valentia. Para elle, as sortes difficeis, o manejo do cavallo, as subtilezas delicadas do capear, podem passar, passarão muitas vezes, desapercibidas. A sorte arrojada, ainda que fóra das regras, perigosa bruta: o cavalleiro que força a passagem, o bandarilheiro que entra, á doída, no terreno do toiro; o forçado que bate as palmas a um boi folgado, capaz de o despedaçar, isso sim, isso é que é bello, é que elle admira, é do que gosta.

E' o arrojo, a temeridade, o desprezo absoluto da vida.

Quem tem é um valente: a valentia, foi, é, e será sempre o supremo encanto, a dominadora das multidões.

O portuguez é, indiscutivelmente, um valente.

O portuguez das camadas inferiores, o que não lê jornaes, o que não foi á escola.

O que não lê jornaes porque os jornaes pregam a submissão, a ordem, o servilismo.

O que não foi á escola: porque a escola portugueza é a estupidificação, o aniquilamento.

O portuguez, hoje, só existe — salvas raras excepções — na classe baixa. O outra é franciú, inglêz, o que elle quizer: mas portuguez, nunca!

Vãe, para o sol, nos toiros; bate-se á navalha pelas tabernas; embededa-se é certo; mas bate-se — isto é que é preciso accentuar — na Africa como um Leão.

Quando Mousinho precizou de bravos como elle para chegar até ao Gungunhana, encontrou... todos! Onde se tinham educado? Na taberna e nos toiros. Elles sabiam lá philosophias! elles tinham lá nunca lido o hig-life!

A toirada é, em Portugal, o unico espectáculo que o povo pode vêr, que o levante moralmente, que lhe incite brios e valôres de raça; quando a «civilisação» acabar com as toiradas e o povo só tiver para se ins-

truir as sessões das camaras a prociissão indecentissima dos Senhores nus, podem gravar-lhe o epitaphio—este bello povo morreu.

Parecem paradoxas estas affirmações; coisas para irritarem ou para procurarem discussão e, no fundo, são verdades; parecem paradoxos pelo acanhado de vistas, geral; pelo rom rom do pensamento colectivo, pela força de tradição besta e sublimemente acatada, pela inercia do pensamento de toda a gente, n'este paiz de carneiros de Panurgo. Depois ha gente, sobretudo os homens de juizo reconhecido, de experiencia e outras prendas que só veem os grandes effeitos em grandes causas.

O declinar d'uma raça! Oh! isso é caso para investigação de seculos! A perda d'uma virtude civica! oh! isso é para locubrações sem fim e para vinte e quatro volumes!

E, ás vezes, tantas, a queda d'um povo está n'uma lei, na ambição d'um ministro, no sorriso d'uma mulher!

Se ha males que vem por bens, ha vícios que são virtudes. Cada um é como é, e assim deve ver.

A um homem de sport que anda, como uma besta, em bicicleta, vinte kilometros por hora; ou que ganha quatro partidas do lawn-tennis, eu prefiro um que faça uma sorte á estribeira limpa, ou ainda mais, o que se perfila deante d'um toiro, lhe bate as palmas e o péga.

Hurrah, pelos valentes.



Diz um collega a proposito de Cecil Rhodes:

«Cecil Rhodes — dizem—não tinha coração. Nunca os grandes homens o tiveram. Napoleão assistiu impassivel á morte dos seus melhores amigos, Goethe e tantos outros, nunca choráram pelas desgraças alheias. Estes homens são—Forças.»

Perdão: esses homens são—brutos.

E ainda é preciso levantar a comparação do tal Rhodes com Goethe. Com Napoleão, comprehende-se: foi como elle um aventureiro feliz. Tanto podia ter sido Napoleão, como coisa nenhuma se uma bala o mata no primeiro combate.

Sim, porque eu creio que o illustre homem de guerra, não sabia os sitios onde as balas iam dar. O não ser morto não lhe proveio da sciencia, nem do calculo. Ou veio?

São productos de forças cegas, superiores a elles, estes homens e tão incapazes de as modificar ou alterar, como de deixarem de lhes obedecer.

Goethe faz differença d'um Cecil Rhodes; a que vae d'um sabio a um bandoleiro: a que vae de um grande poeta a um grande «exploradôr»; a que vae d'um homem feito pelo trabalho a um mará qualquer feito pelo acaso.

Trabalhar, trinta annos, n'uma obra que se chama o Fausto, o maior livro de poesia da humanidade; ser a maior cabeça do seu seculo; não é o mesmo que enriquecer pelo acaso, e pela força bruta do dinheiro, conquistar regiões selvagens, e declarar guerras miseraveis.

Mettam um Cecil Rhodes entre os brutos felizes, da humanidade; mas deixem em paz os Goethes, para o nosso amor incondicional e iutimo.

N'estas coisas humanas é bom não fazer intervir a divindade.



Requerimento encontrado, no chão, na Travessa de Palha.

Illustre Senhor Ministro:
Manuel Chulo Encravado,
Filho de Antonia, morena,
E de um ministro de estado;

Com larga pratica e uso
De muitos templos profanos,
Passando na vida airada,
Todos os dias e annos;

Sempre do amor maltratado
E sempre amando, constante;
Por vezes escalavrado,
Por vezes feliz amante;

Conhecendo o mal immenso
D'alguns descuidos crueis;
Sabendo das leis da «vida»,
Muito mais que os bachareis;

Artista em jogos de amor,
E malas-artes secretas;
Profundo conhecedor,
Das brancas, loiras e pretas;

Sabendo «como ellas mordem»,
Em salas alcatifadas;
Onde ha caricias mais brutas,
Do que as mais brutas marradas;

Vem pedir a Vosselencia
Pelas razões allegadas,
O nomeie commissario
Das casas supra-citadas.

Fere mais, causa mais dôr,
Isto é sabido e é velho;
Uma pancada do amor
Que a pancada d'um chavelho.

E, se teem commissarios
Os bois, de manhas tão fracas;
Não me parece que espante,
Que o tenham tambem as vaccas!

.....
Feliz será Portugal,
E a mocidade felice:
Vossencia fica immortal,
O amor limpo, como... Disse.

MANUEL CHULO.

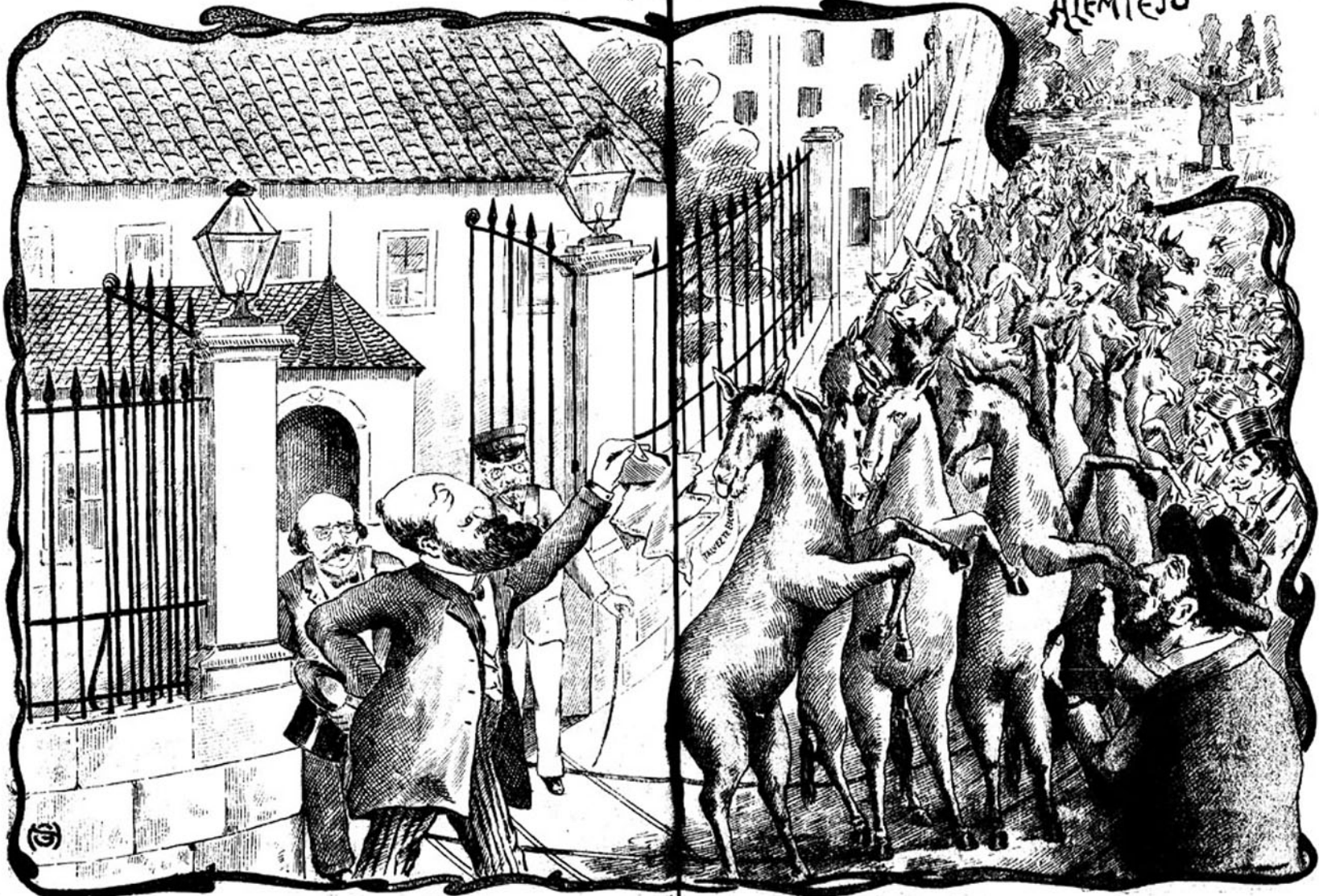
A bordo dos navios tambem se celebrou a Alleluia com o enforcamento de Judas.

Inparcial.

EPIGRAMMA

Oh! ditoso paiz amado e nosso
Onde se enforca o Judas, que é de trapo;
E onde os Judas, que são de carne e osso,
Descobrem grandes minas de carôço
Para alargar as dimensões do papo!

PENACHO.



Ai, adens, acabram-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado...



CANCIONEIRO ALEGRE

(CASOS E COISAS)

A terminar o Convenio
Foi-se p'ra terra Hollandeza,
Terra do accio, o Carrilho...
Quando elle vier, ai, filho,
E' que vae ser a limpeza!

*

São mil e quinhentos contos
A pagar, a mais, por anno,
A Francos, Belgas, Bretões...

.....
Que importa isso p'ra nós?
Temos o... larga milhões!

N. T.



TUNOMANIA

Ouve-se musica ao longe,
A' direita, á esquerda, atraz,
P'ra onde quer que nos voltemos
Só ouvimos funga-gás,

Chegam tunas, partem tunas,
N'um constante vac-e-vem,
Visitam a Povia, a Moita
E Olivaes de Santarem.

Pelas terras por que passam
Vão recebendo ovações,
Causam delirio os *tunantes*,
Inflamam mil corações.

Ha grandes ajuntamentos,
Socco, empurrão, gritaria,
Todos querem ver os *tunos*
Bricos da Academia.

E depois, na volta á casa,
Pondo em descanço os *pandeiros*,
Dizem todos ás familias:
— «Gosámos *quates* brasileiros».

ENA,

A sociedade Silva-Porto

Inaugurou-se no edificio da Academia das Bellas Artes a segunda exposição de pintura da Sociedade Silva Porto que, conquanto menor fallada do que a Sociedade Alumnos de Apollo, é no entanto mais digna de attenção e respeito!

N'um paiz como o nosso em que o futuro sorri sempre mais descaradamente para os moços de padeiro do que para os artistas de Bellas Artes, chega a parecer excesso de produção artistica a exhibição dos 47 quadros que alli vimos!

Bem podia ficar a cousa por metade que a sociedade já dava de si um claro testemunho de que não perde o tempo a pentear macacos!

Para tres homens só, representa um rasoavel trabalho e porque achamos demasiado pequeno o numero dos expositores, bem convencidos ficamos de que sempre ha mais quem se dedique a padeiro do que a pegar nos pinceis!

O facto com quanto exprima a decadência do meio não é no entanto desanimador para a Arte, visto que os senhores padeiros ha uns tempos a esta parte não se teem furtado a despesas para *bem servir* o publico nas mais vistosas polychromias decorativas, honrando d'este modo a Arte a prompto pagamento!

Ora se a exposição foi feita para commercio nada ha que dizer, porém se o seu fim foi o de revelar aptidões e mostrar progressos, o que realmente fica demonstrado, então perdõe-se nos a franqueza: — o numero dos quadros podia ser menor!

Mais Arte e menos convencionalismo, que é como quem diz: — mais estudo e menos quadros.

Um estudo bem feito é sempre uma obra d'arte, o que nem sempre succede a um quadro!

Guardem os quadros para mais tarde e não terão de que se arrepender que o preço que elles atinjam sempre ha de ser maior do que o das oleographias que vende o Mattos Moreira!

E' conselho de anaiço já velho e... careca!

SEVERO.

?

Segundo a *reformação*,
Que ora acaba de sair,
Será *privido escupir*
Para o ar e para o chão.

* * *

Quem cospe, que entalação!
(a cousa não é p'ra rir)
Já *save* que vae dormir
p'r' o centro do *cgarrão*!

* * *

Pobre de mim, com catárrho,
Maldigo o grande *masmarro*
Que *escupir* não deixa agora;

* * *

Pois passo a ter, que delicia!
De *préscurar* á policia:
— Quer qu'engula ou deite fóra?

ZABUMBA.

Jardim de Epicuro

Eu não sei se este mundo é o peor dos mundos possíveis. E' lisonjeal-o, parece-me, q' conceder-lhe qualquer supremacia, mesmo a do mal. O que podemos imaginar dos outros mundos é pouco; e, a astronomia physica pouco nos ensina, claramente, sobre as condições da vida á superficie dos planetas ainda os mais proximos de nós.

Sabemos, apenas, que Vénus e Marte se assemelham muito com a Terra.

Esta semelhança permite-nos crêr que o mal alli reina como aqui, e que a Terra não é senão uma das provincias do seu vasto imperio. Não temos razão alguma para suppôr que a vida seja melhor á superficie dos mundos gigantes, Jupiter, Saturno, Urano e Neptuno, que caminham, silenciosamente, nos espaços em que o sol começa a perder o seu calor e a sua luz.

Quem sabe o que são os seres, sobre esses globos envoltos em nuvens espessas e rapidas? Somos forçados a pensar, por analogia, o que o nosso systema planetario, todo elle, é uma gehena onde o animal nasce para o soffrimento e para a morte! As estrellas assemelham-se muito ao nosso sol. A sciencia decompôz o raio de luz que ellas levam annos e séculos a enviar-nos, e esta analyse fez-nos saber que as substancias que ardem á sua superficie são as mesmas que se agitam sobre a esphera do astro que, depois que é dos homens, alumina e aquece as suas miserias, as suas loucuras e as suas dôres.

Esta analogia basta para nos desgostar do universo.

A unidade da sua composição chymica faz-nos presentir a monotonia rigorosa dos estados da alma e da carne que se produzem na sua inconcebivel extensão e inclino-me a acreditar que todos os seres pensantes não sejam tão miseraveis no mundo de Sirius ou no systema de Altaire, como na Terra.

Mas, direis, nada d'isso é o Universo. Tambem o desconfio, e penso muita vez que essas immensidades, não são coisa alguma, e que se alguma coisa ha não é o que nós vemos. Sinto que estamos n'uma phantasmagoria, que a nossa vista do universo não é senão um pesadelo d'esse sol que nos aviventa. Porque é certo que tudo nos engana e que a Natureza zomba cruelmente da nossa ignorancia e da nossa pequenez!

A. FRANCE.

THEATROS

D. Amélia. *O Tio Pedro*—tragedia em 1 acto de Marcellino Mesquita. *A Ceia dos Cardeaes*—comedia em 1 acto, em verso, de Julio Dantas.

Para quem, como, eu, vai fallar d'uma peça de Marcellino Mesquita no proprio jornal que elle dirige, surge logo, á primeira vista, a desconfiança dos outros não acreditarem no que vão ler, porque não é costume ser-se independente quando ha camaradagem de redacção.

Em todo o caso, seja como fór, acreditem ou não, a peça ahí está, em representação no theatro, para a avaliar, e isso me basta. Depois, o que vou dizer, demonstrará o resto.

Marcellino Mesquita como dramaturgo poderá ser vaidoso da sua obra, pois a primeira qualidade d'um trabalho artistico é que agrade ao proprio auctor e d'ahi envaidecel-o porém, eu, criticando, tambem tenho o orgulho do meu criterio e assim se estabelece o justo meio. Elle fez o que entendeu; eu digo o que me parece. D'este modo, um e outro somos sinceros, sem chòque de individualidades.

O Tio Pedro é um bello quadro alemtejano. n'um acto, cheio de intensidade dramatica, repleto de vida, transpirando verdade e observação. Logo nas primeiras scenas se reconhece a mão do Mestre.

Creio que sabem já do enredo d'esta linda peça, mas eu estou escrevendo não só para os que a viram representar como para aquelles que ainda a não foram vêr.

Tio Pedro é um velho que matou o seductor da filha depois d'esta, desprezada e gravida, lhe morrer nos braços, confessando tudo. O velho, mais tarde, tem remorsos e como um aldeão d'alma simples, acredita nas almas do outro mundo; pois, n'uma noite horrorosa em que o vento sibila furioso por cima das cumieiras, um cão uiva á porta da choupana, os mochos piam agoirentos nos telhados visinhos, os salgueiros gemem vergastados pela invernã e o frio regela, — a imaginação do camponez acaba por tortural-o. N'uma allucinação, julga vêr o morto apparecer-lhe, a chamar por elle, a exporal-o do seu crime, e, n'essa noite, então, pelo desejo instinctivo de se confessar o mal que nos opprime, relata todo o seu segredo a um rapaz que o visita.

Lá fóra, alguém bate á porta; é meia noite.

«Quem será?» Ah! para o velho o recém-chegado é a Morte, porque suppõe entrêvêr o proprio assassinado, e, por isso, congestionado o olhar, o peito preso, as pernas hirtas de pavor, cae rendondamente no chão, morto.

Eis o enredo, por signal bem ingenuo; mas verdadeiro.

Agora, quanto á factura é que a ingenuidade me pareceu um tanto forçada na recitação litteraria do assassinato que elle commetteu. Pára bocca de camponez aquillo é fino demais.

Tambem é esta, e a extensão do acto, os unicos defeitos que eu acho na peça. No resto é um primôr de sentimento, uma linda peça que a critica tem que elogiar, porque as personagens estão bem vincadas e a sua acção é precisa, clara e synthetica. Um actô de tragedia, soberbo!

Da peça do sr. Julio Dantas tambem não se deve dizer mal; porém, é mais fraca de intensidade do que a outra. E' o que se chama uma comedia bonita.

N'uma ceia, tres cardeaes contam os seus amores d'outra época, recordando com as suas historias as saudades da juventude. E' o amor portuguez, o amor hespanhol, o amor francez, que, segundo, o auctor, falla pela bocca d'elles.

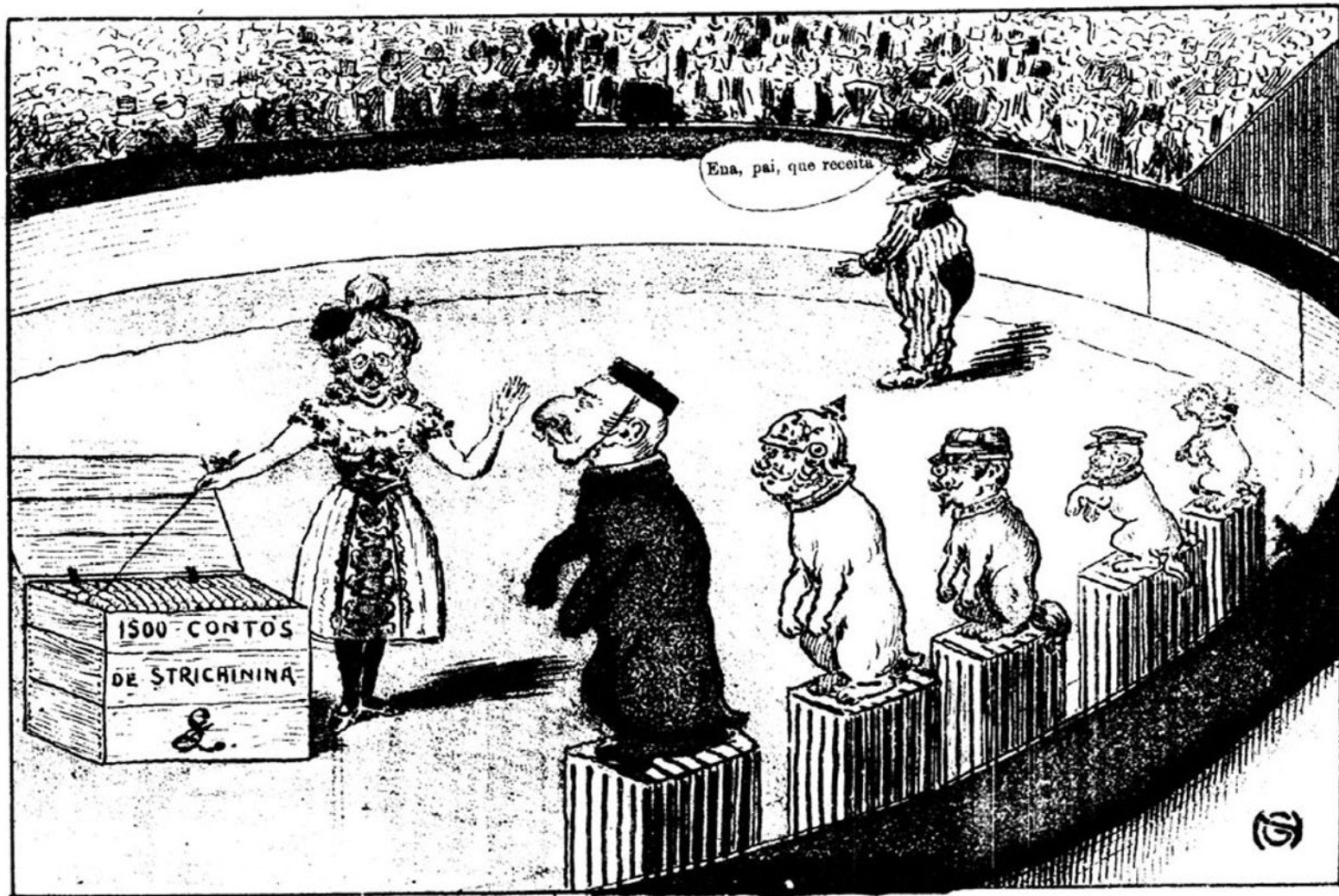
Mas será aquillo' o amor?

Sim, se é amor, todos os tres bem pouco amaram, porque o portuguez foi amoroso aos 15 annos, — uma infantilidade; o hespanhol por poucas horas; o francez apenas por meia hora. Não poudê nenhum d'elles sentir bem as garras do amor que por largos dias prende quando não é para sempre; e não podendo senti-las a valer, as suas aventuras saem da classificação d'amorosas para serem galantes, litterarias e passageiras. Quer dizer: nenhum d'elles amou.

E, como a comedia se cifra n'isto, quanto ao entrecho, devemos concordar que toda ella não foi mais do que um pretexto para ouvirmos bons versos e vêrmos um scenario vistoso. No fim, a impressão deixada no espirito é nulla e a gente sae do theatro sem mais pensar em tal. Ora, foi isto, *A Ceia dos Cardeaes*.

Por consequente, se não fosse a comedia, em verso, e não a representassem os tres primeiros actores da companhia do D. Amélia, o successo seria diminuto, porque *A Ceia dos Cardeaes* é, em boa verdade, um pouco longa para tão pequeno assumpto; e, sendo assim, é como lhes disse, uma comedia bonita, utilicando.

F. R.



Ena, pai, que receita

1500 CONTOS
DE STRICHININA

&

O jantar dos bichos.



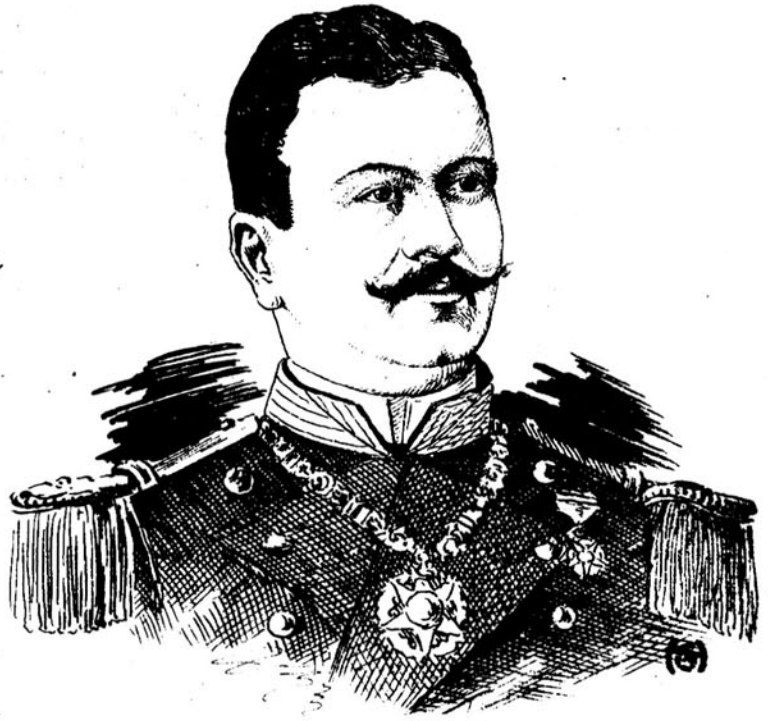
REVISTA SEMANAL de Critica, Politica,
ARTES LETRAS e COSTUMES.
DIRECTOR—MARCELLINO MESQUITA
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS.

Editor Antonio da Fonseca e Sousa Redacção e Administração T. DA BOA-HORA, 39 Composição e Impressão Lythog. Universal LARGO DO CARMO, 17

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Estrangeiro Anno (52 num.)	14500 réis	Lisboa, provincias e Africa Portugueza Anno (52 numeros).....	14000 réis
Brazil Anno (52 num.).....	24500 réis	Semestre 26 (numeros).....	4500 réis
Cobrança pelo correio.....	100 réis		

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39



AZEVEDO COUTINHO

João de Azevedo Coutinho

O illustre e bravo official de marinha que honra hoje as columnas da *Comedia Portuguesa* é bem conhecido de todos, pelas brilhantes qualidades de coragem e de caracter que possui.

Mais uma vez volta á Africa, essa Africa onde tantos serviços tem prestado e tão brilhantemente se tem distinguido, combatendo.

Vae para a Zambezia como governador; desejamos-lhe as maiores felicidades, como amigo velho, e cá lhe esperamos a volta para mais uma vez o saudar-mos pelos seus triumphos.



(CASOS E COISAS)

Com uma anciedade viva — da costa e interior — foi esperado por longos dias, o homem do dia e da noite, o desejado Carrilho.

Como o famoso rei D. Sebastião, que foi tambem e muito — desejado — segundo a historia o diz, o sr. Carrilho enfileira, desde hoje, na ala dos Messias, dos grandes Salvadores, dos Nazarenos e dos reis Arthures.

*

Parece que esta coisa de dar mil e quinhentos contos por anno, a mais, aos credôres para conseguir um contracto humilhante; é de uma tal grandeza e finura, de tal felicidade para o paiz que Lisboa, sempre solicita em festejar os grandes actos dos seus filhos, se despejou para o Entroncamento, a abraçar, na figura sorridente de Carrilho, a *independencia a liberdade a gloria*.

E' que no mundo, até os actos máus se tornam grandes pela grandeza do desastre.

E' assim que dar mil e quinhentos réis a um pobre é coisa futil; dar mil e quinhentos contos aos estrangeiros é coisa grande.

Um pobre diabo empenha um par de calças ahi em qualquer caça de prégio, ninguém dá por isso e se alguém o sabe, inda lhe chama sem-vergonha: um habil financeiro põe no prégio um paiz e não ha comboios para osromeiros nem foguetes que cheguem, para reben-tarem de entusiasmo.

*

* *

Mas é o melhor que se podia fazer.

Esta tem sido em Portugal, a resposta fatal, para todas as liquidações, de desvarios e de crimes de lesa patria.

Ora, «o melhor que se pode fazer», não é razão; não é senão uma vilíssima fuga, uma torpe maneira de illudir papalvos e de apparentar de força, quando o que existe é uma fraqueza pungente, uma impossibilidade absoluta, uma falta extrema de valôr civico e intellectual.

«O melhor que se pode fazer», é um soccôrro ultimo dos imbecis, dos nullos, ou dos preversos, que podendo satisfazer o acanhado criterio das massas, revolta os

corações leaes que exigem que-se faça—tudo. Ora tudo é alguma coisa mais do que o melhor.

Tem sua differença: é que este tudo só pode ser feito, anulando, absolutamente, todos os geniaes fabricantes do—melhor.

Quero dizer: as liquidações tinham de começar não por Londres, ou Paris, mas por Lisboa.

Não pelos credôres, mas pelos Governantes de ha muitos annos.

Talvez que lá fóra, depois d'isso, podesse alcançar-se alguma coisa — de peor.

Talvez.

* *

Desde que varios *amigos*, desandaram a chamar ao sr. Hintze, um extraordinario parlamentar, um sublime homem de estado, um politico iminente, sua excellencia, retezou mais a sua pessoa, creou-se alma e audacia, e, desde a celebre sessão João Franco, falla no parlamento, com um apurmo e um atrevimento de quem tem alguma coisa na cabeça além de farelos, de quem tem alguma coisa no coração a não ser vaidade, a mais triste, a dos mediocres!

Mas este ar, esta maneira, este despalnte, que seria coberto de gargalhadas n'uma assembléa de gente medianamente illustrada e inteligente é aclamado no parlamento, coberto de applausos e felicitações.

Falla o sr. Beirão, auctoridade em assumptos de direito, o sr. Hintze nada responde do que se lhe diz ou pergunta; escapa-se como um cábula, mas com certa consideração. E' o processo seguido pelos grandes valentes: evitar as questões, fugir-lhes, corajosamente.

Falla o sr. Fuschini e então as coleras do sr. Hintze levantam-se, produzem gestos napoleonicos, phrases indignadas e altivas, perguntas cabalisticas, narizes podres de cêra inda mais podre, toda essa exhibição de maravilhas, de larachas, de reliquias, gastas, estafadas, substancia alimenticia de ha longos annos, d'essa matrona indecente — a Camara Popular — !

Mas em resposta? Nada.

Nada, não; esta coisa: Inventar perguntas, phrases, idéas, intenções, ao adversario. E a essas responder com gritos de indignação e de colera, fingidos, evocando deveres, lealdades, brios politicos, responsabilidades. E, n'estes reles artificio, fincar-se nos apoiados da turba, correr o olhar pelo campo da batalha, mais dois trôpos e tres banalidades, quando não tres asneiras e criar-se, victorioso, a sentir-se cada vez maior, maior, como um eucalipto, como o monumento dos Restauradores, como o zimbório da Estrella!

E' então que o grande homem, encarando o adversario, tem esta phrase sublime:

«Não me falta, tenho a certeza d'isso, nenhum dos predicados que deve possuir um homem publico; nenhum me falta esse o sr. Fuschini duvida, experimente e verá.

Vozes: muito bem, muito bem.»

Meu caro Camillo, empresta-me uma phrase.

«Oh! pandegos, lombrigas que roeis no intestino recto da politica, eu vos arrenejo.»

Desabafa-se um pouco.



MARCHA TRIUMPHAL

Lá vem elle! o Carrilho celebrado,
O primeiro *Endireita* das finanças,
Que, p'ra ser salvador do ninho amado,
Deixou do ameno lar doces folganças:
Eil-o que chega! Vem aureolado
Por que em prol do Thesouro quebrou lanças,
E provar soube aos sabichões da estranja
Que uma patria de heroes nunca é macanja.

Enthusiasmado, o povo da Ulyseea
Atira ao ar chapéus, boinas, barretes;
Um côro de vivorios estrondeia,
Estalam bombas, bichas e foguetes!...
Não cabe mais ninguem no cães da areia,
Toca-se o hymno a bordo dos paquetes;
E o D. José de bronze, p'ra abraçal-o,
Deseja desmontar-se do cavallo!

Acodem philarmonicas sem conto,
Uns feios, outros lindos como Adonis,
Doutores em solfejo e contra-ponto,
Que estragam bofes a soprar trombones:
Pelos janellas, em dilirio tonto,
Com os lenços acenam os mirones;
E o sexo, que não, uza vestir calças,
Escangalha o pianno a tocar valsas!

A nação toda inteira se remexe,
Affectos naturaes prova e requinta;
Vem povo da famosa Alcabideche,
Tambem de Freixo com Espada á Cinta:
Uns vêm a butes, outros de caleche,
De Lava-Rabos gente mui distincta...
E, por dedicação, até se afoita
A chegar em *vagons* povo da Moita!...

Senhor Alfredo *Keil*, componha um hymno
Mais vibrante que sua *Portuguesa*,
Onde faça estalar do bombardio
A nota firme, sonora e teza:
Caia o badalo ao barulhento sino,
De nos ensurdecer tentando a empreza;
E, em logar das areias encarnadas,
Rosas sejam nas ruas espalhadas!

Parabens, Portugal! Folga respira,
Sae de cima das brazas em que estavas,
Canta o fado do Hylario ao som da *lyra*,
Manda as tuas tristezas comer favas!...
Fugiste do labéo de ser caipira,
Graças ao grande heroe com quem contavas!...
E, se nem sempre amena sopra a brisa,
Inda temos ceroulas e camisa!

VENANCIO.



Desde que na aldeia constou que eu ia esperar o
conselheiro Carrilho, como é dever de todas as pessoas
que já tiveram a felicidade de lêr os seus famosos «Roman-
ces annuaes», vulgo, «Orçamentos» e o consideram como
o Bigode e Pêra, que mais altamente comprehendeu a
passividade dos algarismos, desandaram a cair-me
em casa bilhetes de amigos e conhecidos, solicitando des-
culpas perante Carrilho e pela falta involuntaria de me
não poderem acômpañhar na viagem. Transcrevo alguns
dos mais curiosos:

Da mestra regia:

Peça desculpa ao Carrilho
De não ir tambem esp'al-o;
Mas ando a lêr a Revista:
A' procura do badalo.

Do mestre escola:

Peça desculpa ao Carrilho
De não ir ao Entroncamento;
Mas fiquei parvo de todo
Quando li um orçamento.

D'um velho:

Peça desculpa ao Carrilho
Se elle der por que não vou:
Ha-de haver muito quem cante,
A canção do Rei Chegou.

D'uma velhota:

Peça desculpa ao Carrilho
De eu não ir e os pequenitos...
Tenho a meada em começo,
'Stou a fazer dois manguitos.



Modos de vêr

Na China, um ministro plenipotenciario;
Do povo americano enviado extraordinario,
Que fôra encarregado da espinhosa missão
De entregar ao governo uma indemnisação,
Fugiu, segundo consta, com todo esse dinheiro
Para desconhecido, ignoto paradeiro.

Aqui, n'este paiz, o caso é diferente,
Excepto no furtar, que n'isso é talqualmente,
Em vez de ser só um, são muitos os ladrões,
Muitissimo estimados, illustres figurões;
Ao contrario do *tal*, não se querem raspar
E andam alegremente por hi a passear.

ENA.

CIRIO DE BENTO

Leão para a entrada do cirio em honra do Salvador Carrilho

Portugal lá diria das bogas,
 Já traguera viagem com tel
 Por não ter de botica entre as drogas
 O remédio à anemia crua!

Consultou da finança os barões
 A seguir, uns dos outros a pôs,
 Mas apenas achou uma tipografia
 Que se interessassem no tardes.

Da desgraça no trilho calcando
 Na lombada sentiu calafrios;
 Porém orgulho, vez se não quando,
 Financiero de tres assobios.

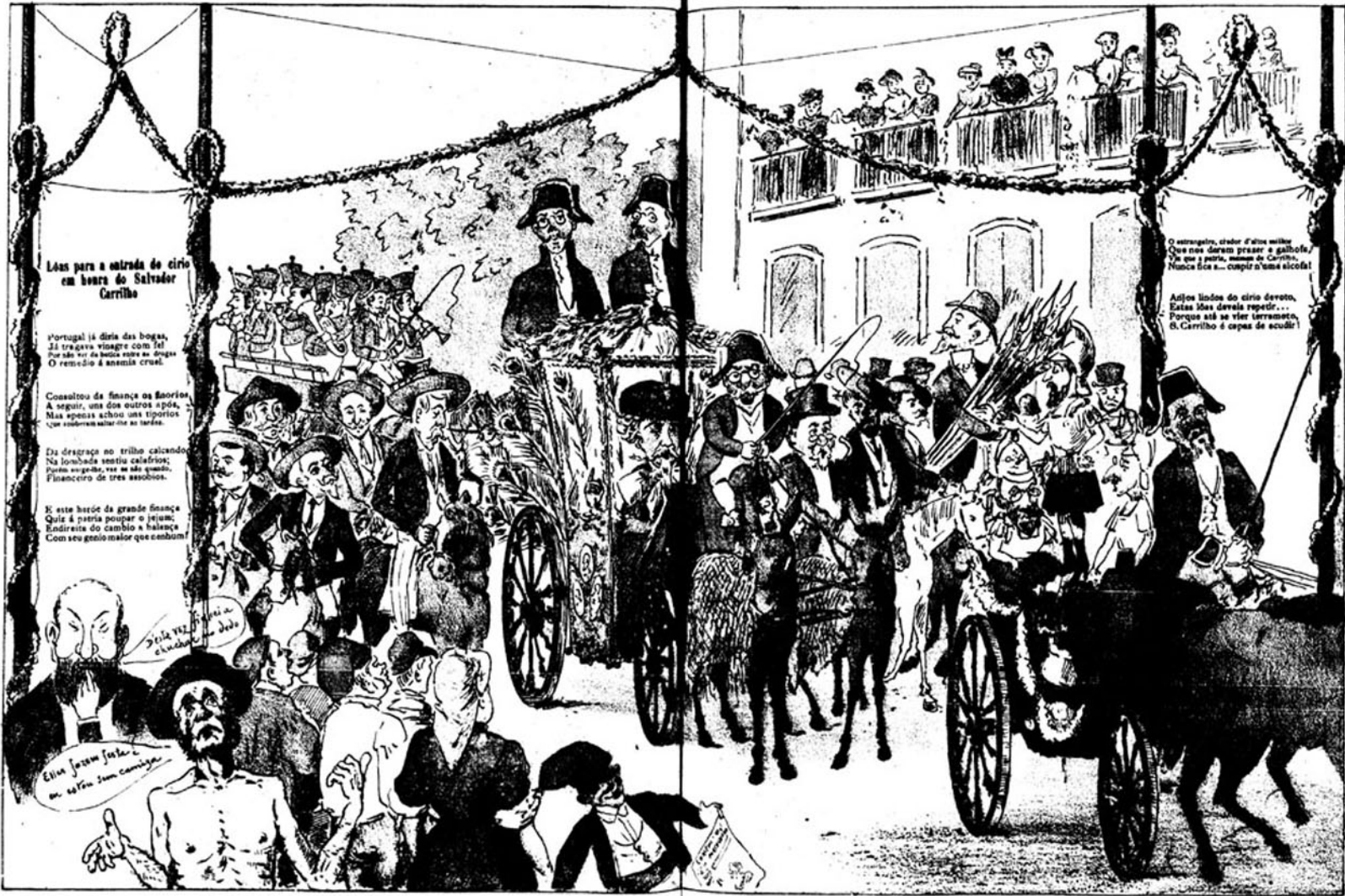
É este herói da grande finança
 Quiz é patria poupar o jejum;
 Endireita do cambio a balança
 Com seu genio maior que cambium!

Deixa ver
 a clauder

É isso mesmo forte
 ou não tem comigo

O estrangeiro, creder d'isto melhor
 Que nos darem trazer a galhofa,
 Não que a patria, manja de Carrilho,
 Nunca fica a... conspirar a lume alôdai!

Anjos lindos do cirio devoto,
 Estas liras devais repedir...
 Porque até se vier terramoto,
 O Carrilho é capaz de acudir!





CANCIONEIRO ALEGRE

(CASOS E COISAS)

Hinze não quer carruagem!
Gemam as tubas da fama
Pelas portas e postigos
Do Portugal Restaurado:
A pé, o heroe!: carruagens
Dá-as elle aos seus amigos,
Com a mais nobre coragem...
Com os dinheiros do Estado!

* * *

Em Nhacre, mais uma vez,
Ficou assente e provado,
Em combate disputado,
O valor do portuguez.

* * *

E' coisa triste e sombria,
Do nosso poyo a imagem:
Lá fóra tanta coragem!
Cá dentro tal cobardia!

N. T.

ANNUNCIO

«Aos novos titulares e mais pessoas que hoje fazem parte da côrte se offerece para os iniciar nas pragmaticas e mais costumes do Paço e Alta Sociedade, individuo fidalgo e nascido na côrte, para assim evitarem ser taxados de *gaucherie* como é vulgar acontecer quando frequentam a côrte.»

Aos ex-criados de meza, é difficil tirar a curvatura viciosa do braço, produzida pelo cabaz das compras; ao ex gallego da esquina custará muito a disfarçar o abaulado da espinha, como o callo do cachaço, effeitos do barril e do chinguico; ao ex-empregado publico será de estremo trabalho o fazel-o perder os modos grosseiros e insolentes com que recebe os pequenos e os humildes na sua secretaria; ao ex-alquiladôr levará longos tempos o alcançar que perca a phraseologia requisitada de que usa servir-se na execução dos trabalhos do seu mister, em convívio perene com bestas; emfim, a tantos outros, dos mais desviados e grosseiros officios sobre quem possa recair a lexivia d'um titulo, a experiencia prova, que é de summa difficuldade o arrancar-lhes os ordinarios gestos, admanes e fallas.

Ora, como ninguem está livre — se dispõe de doze votos — de vir a ser marquez, além de ter de frequentar o paço, damos publicação ao annuncio do encanecido fidalgo, certos de que prestamos aos novos titulares um beneficio attendivel.

A escola da cortezia e do salamaleke era realmente preciza entre nós: era uma falta grave, n'este paiz em que toda a gente dá coices!

Decididamente, civilisam-nos.



Despacho ao requerimento encontrado na Travessa da Palha:

Ponderando as razões fortes
Do que, escaldado, fequer
Vendo que, em vez de ir ás sortes,
Joga co'o bicho mulher;

Ponderando um dia a fio
N'aquillo que o incommoda,
E vendo que o seu feito
E' o de mestre na póda;

Ponderando que as taes peças,
Em proveito do seu bem,
Lá vão por portas travessas
Incommodar mais alguem;

Ponderando que a limpeza
Vac dia a dia a subir,
E que uma lei portugueza
Ensina a saber cuspir;

Ponderando que não tarda
Uma lei justa qualquer
Para tributar a albarda
No lombo do que a trazer;

Ponderando que o requ'rente
Faz á nação um serviço,
Dando um conselho excellente
Sem levar nada por isso;

Ponderando que algum dia
A patria lhe será grata,
Visto que a sua obra pia
Póde evitar carrapata;

Despacho como deseja
O que pede em trovas bellas...
Lembrando que sempre seja
Acautelado com ellas.

VENANCIO.



«N'estes ultimos tempos a pelle humana tem-se tornado um verdadeiro artigo de commercio na America. Não é que se sirvam d'ella para encadernação de livros, mas encontram-lhe um uso mais nobre e mais humanitario. Ha individuos que a troco de uns tantos dollars, consentem que se lhes tire do corpo bocados de pelle para serem enxertados em pessoas desfiguradas.»

Ainda ultimamente o dr. Bouchard pagou por um bocadinho de pelle 5 dollars ou sejam 25 francos.»

Imaginem os senhores a 25 francos cada bocadinho de pelle, se o governo nosso amigo, se resolver a pagar a que nos tira, não haverá povo mais rico do que o povo portuguez.

Que differença de paizes! Na America tiram a pelle, mas pagam-na: aqui, nós pagamos ainda, para que nol-a tirem. Este facto estabelece claramente a differença das pelles: lá, pelle de gente; cá, pelle de burros. Está certo.

Jardim de Epicuro

Ao verdadeiro ciumento, tudo lhe entenebrece o espirito, tudo lhe causa inquietação. Uma mulher, só porque vive e respira, o trahirá. Teme esses trabalhos da vida interior, os movimentos diversos do corpo e do espirito que fazem d'essa mulher uma creatura distincta d'elle mesmo, independente, instinctiva, duvidosa e por vezes inconcebível. Sofre com a expansão da sua vida e mocidade, que nenhuma força pode dominar.

Ella existe, sim, é bella, pensa! que motivo de angustia mortal! Elle quer toda esta carne, mais e melhor do que a natureza o permite!

A mulher não tem esta imaginação. No maior numero de vezes, ou quasi sempre, o que n'ella parece ciume é apenas a rivalidade. Porque, esta tortura dos sen idos, esta evocação de aparições odiosas, esta raiaphisica, ella não a conhece. A imaginação plastica, a visão da figura, é n'ella acanhada, ainda no amor sensual.

Um grande vácuo envolve as más impressões e todas as suas energias se concentram na lucta. Pelo ciume ella combate com um afínco, violencia e manha, de que o homem é incapaz.

A dôr que nos fere as entranhas, excita-a a ella: desesperada, lucta pelo imperio e pelo dominio. Assim o ciume que no homem é uma fraqueza é n'ella uma força, da saúde lhe vem mais audacia do que desgosto.

Vêde a Hermione de Racine. O seu ciume é calmo: não faz dos tormentos um poema cheio d'imagens cruéis. Não sonha o que é o ciume sem o sonho? sem a obsessão, sem uma especie de monomania furiosa? Hermione não é ciumenta. Quer impedir um casamento, por todo o preço e retomar um homem, nada mais.

Quando este homem se mata para ella, por ella, ella admira-se; e sente-se sobretudo codilhada. Um casamento gorado.

Um homem no seu logar teria exclamado: «Tanto melhor! ninguem possuirá esta mulher que eu amava».



A. FRANCE.

A proposito das sestras, escreve, enternecido, um collega, reparando que os operarios se vão divertir aos campos, no dia em que estas começam.

«Não é culto pelos finados, não é o sentimento da saudade que os leva allí, mas apenas uma velha usança—as sestras—e que os obriga—que triste é escrevelo—d'uma cajadada a matar dois coelhos: passar pelo campo santo e abancar de seguida nas hortas!

Se os mortos imaginam que alguns vão n'aquella peregrinação contristados, alanceados pelo desgosto... não lhes perturbemos a illusão...»

Pois não perturbemos a illusão dos mortos! Coitados! mortos e ainda a pensarem n'estas coisas.

O que pensarão estes mortos sobre o Convenio? Acreditarão que seja bom! Se assim é, deixal-os, não lhes perturbemos a illusão!



«A *Dama das Camélias* continua ainda sustentando-se em scena. Só no sabbado e domingo, essa obra-prima de Alexandre Dumas, fez entrar na caixa do theatro Sarah Bernhardt mais de 18:000 francos.»

Esta local, a classificar de obra prima a peça de A. Dumas deve ter feito dormir mal algum dos nossos dramaturgos, para quem o auctor não passa hoje de um miserando parvo! Obras primas de Dumas! Isso é bom para cá.

Os francezes, porém embirram em frequentar tal theatro, o que se lhes ha de fazer?

Talvez seja por suggestão do titulo: é que não ha para ganharem dinheiro, como estas damas.

Pobre Dumas.



Este collega *um tal* é o exemplar mais característico da nephelibatice comico-pantagruelico-rapioqueira. Isto não é palavra, nem coisa que se pareça; mas é a melhor representação grafica da idéa que nos assalta, ante as estrambolicas manias, affirmações e negações, desejos e criticas, *sins e nãoos*, do nosso magistral collega; e digo magistral por que alli vem tudo com o selo papal da infalibilidade.

Andou a berrar pela lei do cuspo: agora desanda a censurar a requisição, do Alberto Pimentel, de escaradôres para o theatro de D. Maria II.

Todas as leis ha muito tempo em Portugal mettem n'ôjo; mas nojenta e ridicula como esta, não veio nenhuma.

Vejam a noticia:

—O sr. Alberto Pimentel, commissario regio junto da empresa societaria do theatro de D. Maria, requisiou 19 escaradôres á direcção geral de instrucção publica, a fim de serem collocados na sala de espectaculos do Normal, em cumprimento do edital do governo civil de Lisboa, acerca da *cuspinheira*.

Por seu turno a direcção geral de instrucção officiou ao ministerio das obras publicas para ser satisfeita aquella requisición.

Cá andam elles com os caquinhos ás voltas, e dentro em pouco se concluirá que o melhor é deixar cuspir toda a gente. Até na sala dos espectaculos é preciso pôr *canecas*!

E' bico ou cabeça? Ninguem sabe. Pois se o grande remedio da tuberculose é esse; se o critério de acao está em não cuspir para o chão, onde demonio quer o illustre collega que cusпам as gentes que vão a D. Maria II?

A coisa comprehende-se. A lei sobre o cuspir é uma d'estas coisas que caracterizam uma época. Só no reinado de um Hintze Ribeiro poderia ser concebida e decretada.

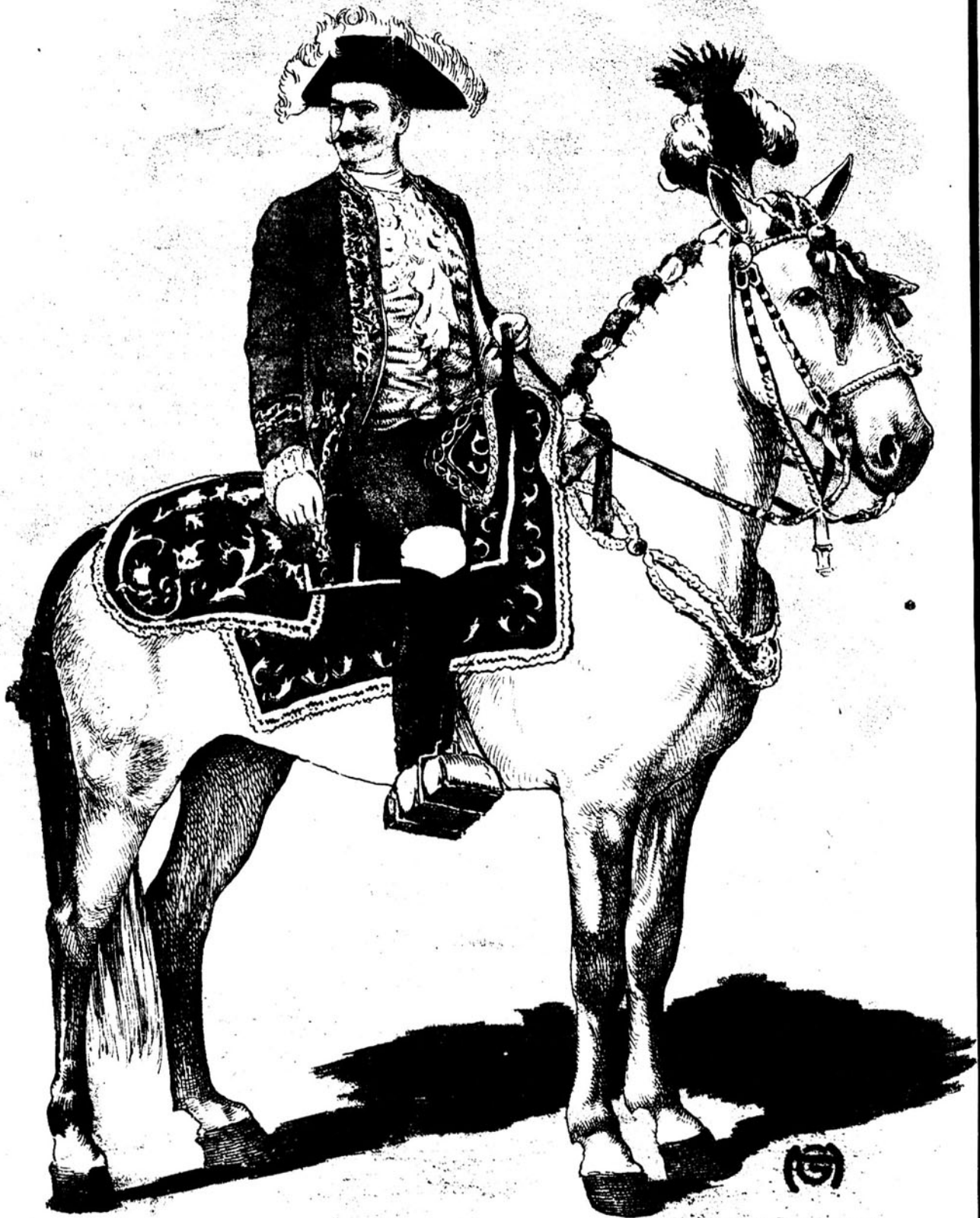
Decretada a imbecilidade, todas as imbecilidades se lhe seguem. Um paiz no ultimo grau de abjecção politica, que pensa em leis do cuspo, como proflaxia ou como acao, é um paiz que pede simplesmente, uma coisa: que lhe escarrem na cara! Lá por fóra não lhe fazem outra coisa: cá dentro havemos de chegar a isso.

E' claro que quando eu digo paiz, quero dizer os seus governos. Não vá alguem confundir o povo portuguez, com esses limpos que o representam.

Fernando de Oliveira

A abertura da época tauromachica dá-nos ensejo de publicar-mos, gostosamente, o retrato do nosso mais completo cavalleiro de toiros—o Fernando de Oliveira.

Um bello rapaz, um bello cavalleiro e um bello character. Que mais é preciso para se ser estimado como elle é?



FERNANDO D'OLIVEIRA



REVISTA SEMANAL DE Critica, Politica,
ARTES LETRAS e COSTUMES.
DIRECTOR - MARCELLINO MESQUITA
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa Redacção e Administração T. DA BOA-HORA, 39 Composição e Impressão Typ. Universal DO CARMO, 17

ASSIGNATURAS (DE AVANTO A AVANTO)
Estrangeiro Anno (52 num.) 15000 reis Letra portugueza e Anno Portugueza 15000 reis
Brasil Anno (52 num.) 25000 reis Anno (52 numeros) 15000 reis
Cobrança pelo correio 3000 reis Semestre 21 numeros 8000 reis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39



DR. SYLVIO ROMERO

DR. SYLVIO ROMERO

O dr. Sylvio Romero, natural do estado de Sergipe, passa hoje por uma das mais altas capacidades do Brazil. Consideram-no o primeiro historiador brasileiro da actualidade. É um erudito e um pensador. Pela tenacidade no trabalho, pelo amor ás pesquisas historicas, Valentim de Magalhães cognomina-o—o Theophilo Braga do Brazil.

É pois uma honra para a *Comedia Portuguesa* integral-o na sua galeria dos homens distinctos.



(CASOS E COISAS)

Como corra nos papeis lá de fóra que o governo de Portugal executa com demasiado rigor a velha maxima—do pão do nosso compadre grande fatia ao nosso afilhado—e como se entende que um paiz e os seus corpetentes dinheiros, não pôdem estar assim á mercê da confirmação dos dictados, ainda que estes representem uma grande dose da sabedoria critica das nações, levantam-se, no campo jornalístico, grandes protestos.

Este é o paiz dos protestos: dos protestos e dos pretextos.

Dos primeiros ninguem fez caso; dos ultimos todos se servem. Os periodicos gemem, raivas, doestos, phrases amargas, ameaças de futuros castigos.

O paiz, já muito massado, d'estes accessos periodicos de patriotismo pirothechnico, sorri bonancheiramente sceptico, descrente.

Accresce, ao mesmo tempo, que ha quem diga serem falsos os boatos. Que, das fatias, o governo para não fugir á tradicção do zelo com que administra os dinheiros, até eliminou a manteiga!

Ora, sendo assim, não se pôde ser mais economico, desde que se sabe que para as torradas é indispensavel a manteiga, até nas cantigas populares.

N'isto se alimentavam as discussões gregas e troianas, quando, de subito, apparece o Convenio!

A' duvida succedeu o pismo! Esmiuçada a coisa viu-se que o governo déra as fatias em harmonia com o dictado, gordas e largas e por cima café e canella.

Agora vereis cada jornal contrario, accesso em iras, relampejante, como a espada do anjo de Milton, pondo os nossos avós fóra do faval do paraizo!

Agora assistireis ás mais solemnes catilinarias, ás mais graves ameaças de justas e fecundas vingancas!

Que se corra ás côrtes, que o templo das leis se descerre, que possa ouvir-se a voz dos delegados, a voz da razão, a voz da justiça.

Conticuerunt omnes!

E, n'esse dia tão anciosamente esperado, rangerão os cancellos de ferro, que José Estevam aponta aos municipaes e ás amas que lhe rôlam no sopé, e o theatro nacional, o verdadeiro e unico, comparsaria a postos, papeis decorados, scenario velho e gasto, abriro para a grande peça.

As galerias encher-se-hão; o paiz espera ouvir a voz das grandes indignações, o troar activo das vozes engrosadas pelas coleras supremas, o castigo publico, tormentoso, dos criminosos, a grande lição, o grande exemplo.

Um dos maiores vultos da opposição levantar-se-ha, tossirá castamente, relanceará o olhar meigo, ageitará a quinzena e, doce, amavel, erguendo os olhos até á altura da mesa presidencial, começará recitando:

Esta é a ditosa patria minha amada,
A' qual...

E, por alli fóra: que sim, que não, o convenio, a honra nacional, Albuquerque, Gamas, fôrças caudinas, Miguel de Vasconcellos, a historia... o dever perante o paiz... acabando... por votar a favor!

Pobre paiz ingenuo!

E afinal de contas para que serve estar a gente a dar-se ares de espantada, com coisas que estão a acontecer todos os dias?

Ha ainda n'este paiz quem tenha a ingenuidade de acreditar que ha opposição? Desengane-se esse alguem. No paiz, ha apenas uma grande opposição, decidida e valiosa; essa é realmente séria e positiva: é a opposição systematica. em politica, a tudo quanto seja honrado e honesto. N'esta falange é que não ha distincções politicas, nem reluctancias partidarias, são todos por um e um por todos.

Que admira pois que no grande salsifré da patria, se oiça como commentario ás mais graves questões sociaes, a aria eterna da mentira, da banalidade, da hypocrisia, base e vida d'uma coisa a que chamam camara popular?

E' o hymno da casa; um hymno que tem alguma coisa de marcha funebre de Chopin e do grotesco reles do Pírolito.

E, replicando o ministro ou *baedor*, vozeando «apoiados» a turba-multa dos representantes;—na mais restricta acepção da palavra—n'uma girandola final de tropos chronicos, mais safados do que as caras dos que as usam, se encerrará a discussão e se pedirão os votos.

E a votação dirá mais uma vez, as excelsas virtudes parlamentares e civicas dos governantes; a indignação irá esmorecendo lentamente nos dias subsequentes, o paiz terá mais uma vergonha na historia, o povo mais uma marca no lombo, e o futuro José Agostinho um canto novo para o poema dos Burros.

Esta é a ditosa patria minha amada!

O dr. Eduardo Burnay *debuta* no theatro de São Bento de modo a poder o *Noticias* afirmar ser a estreia *deveras auspiciosa*. O novel actor fez o papel de *Desengane*, na velha comedia portugueza—*Reforma da Instrucção*.—A sua critica foi por vezes justa, como bôa a dicção e o gesto, segundo o mesmo jornal; mas sobretudo na *tirada* do ultimo acto, sobre a benevolencia dos professores para com os meninos imbecilizados, levantou a platêa que correu inteira a abraço-o.

Passando por este feitiço ridiculo, velho, e estúpido de fazer *debutar* homens a meio de uma vida de estudo e de trabalho — lá porque fallam no casarão de S. Bento, — notemos que o dr. Burnay, entre outras coisas de valôr que faz notar falla n'uma que é da maxima gravidade.

Disse o ora-lôr, fazendo a comparação do antigo systema pedagogico com o actual, que: «o nivel da instrucção dos alumnos que chegam á Polytechnica baixa continuamente».

O doutor conclue para a instrucção; o paiz sente-o de ha muito nas camadas successivas dos seus homens publicos.

A instrucção é cada vez peor: o professor tem de ser complacente: d'ahi o homem d'hoje.

De longos annos data esta miseria e não é difficil a ninguem, se quiser, reconhecer na má instrucção, uma das grandes causas, se não a maior, da decadencia moral, tão rapida e tão desconsoladora da raça portugueza. Os sentimentos generosos as idéas nobres e elevadas, o arrojo, a coragem, dotes com que se saia outr'ora das escolas, hoje atrophiam-se pelos corredores e morrem nas secretarias. Envelhece-se nas cadeiras dos amphitheatros; e a hypocrisia, o servilismo, o empenho, a protecção escandalosa, a politica, até, vivem no meio academico, aquelle bello meio d'antes tão generoso, tão fidalgo, tão distincto pela independencia, pela generosidade dos instinctos, pela irmandade das relações.

Em cada rapaz de hoje encontra-se um velho: cheio de cuidados, de conveniencias, de vistas de futuro, de egoismos.

No exemplo do laureado, por escandalo, elle perde a comprehensão da necessidade do estudo; na incompetencia do professor elle lê a dispensabilidade do merito, a negação do direito do trabalho, o rebaixamento do saber.

Todos os maus instinctos suppuram, na consciencia de que a velhacaria, a doblez, o servilismo, triumpham sempre.

A educação imperfeita, que lhe irrita morbidamente o espirito e lhe abandona o corpo, accorrenta-o n'um circulo miseravel de invejas, de ciumes, de despeitos. A necessidade, o egoismo, o interesse de subir, atrai-o aos caminhos tortuosos, que lhe garantem, sem esforço, nome e posição.

Entrado na vida publica, hoje, tem o rir do sceptico, que vence, em anthithese com o velho riso activo, do corajoso que desafiava a vida.

N'esta podridão, o talento esconde-se, amaneira-se, e, ou se retrai, ou se lança na especulação sem pudôres, sem receios, sem attenções, sem dignidade.

Onde o talento e o merito são amesquinhadados decahem, fatalmente, todos os bons sentimentos para dar logar á lucta mesquinha, secreta, a lucta que eleva pela sombra, pela intriga, pela cobardia, pelas paixões ruins transformadas em armas de combate.

A escola portugueza pollue, definha todos os bons sentimentos, que existem em regra no coração dos rapazes, e prepara assim a multidão de egoistas, de gastos, de cynicos que occupam as cadeiras do parlamento, as cadeiras da magistratura, os mais altos logares do Estado, os mais rendosos, os de mais responsabilidade.

Quem ha ahí capaz de negar estas verdades? So a escola, sobria, séria, com um fim delinido, uma orientação clara e simples, em relação a cada mister, a cada officio, a cada carreira; só a escola moderna, educando em harmonia com as modernas conquistas relativas a biologia, em todos os seus ramos, poderia fazer d'um rapaz, d'um espirito que procura um caminho, que ta-

ctea a vida, um homem, preparando-lhe o corpo para a lucta physica e armando-lhe o espirito na solida couraça dos principios indeclinaveis da honestidade.

O que faz a escola portugueza, atrazada, rotineira, cheia de prejuizos, de compendios burlescos, de theorias velhas, de professores incompetentes? Como educa? Porque exemplos moralisa? Com que independencia ensina a dignidade? Com que força impõe o respeito, preconisa o direito?

Quem não conhece um rapaz que acabou o curso dos lyceus? Que sabe elle? Definições papagueiadas, e n'esse caso é um premiado: ou nem estas sabe e n'este caso é um cretino. Do mundo em geral, das sciencias naturaes, da biologia, de si proprio, que idéas possui? Se algumas tem são d'um comico tal que provocam o riso.

Nenhum alumno, no final do curso d'um lyceu, sabe o que é um nervo, nem o que é um musculo. Se viu um osso é porque o encontrou pela rua esburgado pelos cães vadios.

Tenho ouvido a homens formados, nas mais elevadas posições sociaes, dizer d'uma carne cheia de cartilagens: — esta carne é muito nervosa! Ouve-se todos os dias.

A ignorancia d'uma banalidade scientifica causa arrepios.

Sahe-se do lyceu sem se saber fallar nem escrever qualquer lingua, incluindo a propria,—a nossa. Que ensina então a escola?

Nos cursos superiores vê-se todos os dias a necessidade de corrigir os conhecimentos do ensino secundario, por tolos ou falsos. O mal é pois do Lyceu, da Escola.

Faça-se o ensino livre. Monopolisar o ensino é um crime. E' querer egualar todas as intelligencias e aptidões, é crear o despotismo da intelligencia e da boa vontade.

Mas veja-se primeiro o paiz e as suas exigencias. Criem-se as escolas proprias para este povo, e deixem-nos de arremedar reformas simplesmente porque vêm d'aqui ou d'acólá.

Reforme-se o ensino completamente; adquiram-se os homens competentes, e este miseravel estado decairá, e acabarão de vez estes comicos exames em que não se examina coisa alguma a não ser as cartas d'empenho, as sympathias e as dependencias.

Crie-se a honestidade no Ensino.

Diminuirão os tolos formados, haverá mais justiça, menos bachareis e mais homens.



O PROGRESSO A CARANGUEJAR

O marquez, tão falado, o de Pombal,
Sacudindo uma vez a cabelleira,
Enxotou d'este nosso Portugal
A praga jesuita lambareira.

Hoje, quando o progresso mais resplende,
O governo da nossa nação culta
A quem não fôr cuspir onde elle entende
Esvazia a algibeira com a multa.

Encontramos aqui um caso novo,
Honra para o marquez, e gloria sua:
— Nunca deixou cuspir na cara ao povo,
Mas deixou-o cuspir em qualquer rua.

BONIFACIO.

A praga dos gafanhotos... da Arcada



Zé Porinho começa a perceber que é mais o Zé... do Egypto.



CANCIONEIRO ALEGRE

No arsenal da marinha,
Quando a cavilha saltou
Da formosa canhoneira
Que o Brazil nos offertou;
Dizia, em ar pensativo,
Um militar, de penacho:
Parece coisa de enguiço,
«A Patria por agua abaixo»!

* * *

Teve tambem centenario,
Na velha Londres brumosa,
O chapéu alto, o canéco,
Essa coisa pavorosa
Que se encaixa na cabeça!
Acho a idéa magestosa
E de grande envergadura:
Que não falte o centenario
Da outra coisa... a dos pés,
A que chamam—ferradura!

* * *

Parece que a exposição
De quadros, na Academia,
Não tem sido concorrida.
Porque seja? quaes motivos?
E' facil a explicação:
Quadros com acceitação
Entre nós... só quadros vivos!

* * *

Uma noticia agradável
E que não custa vintem;
Ha quatro dias que os carros
Não esborracham ninguem.

* * *

A auctoridade,
Que fez no bacillo,
Ferrivel e forte,
Um rombo tamanho:
Vae dar-lhe parece
O golpe de morte
C'o a lei sobre o ranho!



N. T.

ATTENTADO

Houve domingo passado,
Segundo por hi se diz,
Em Coimbra um attentado
Contra o *expresso* de Paris.

Houve tiros, gritos, morras,
E até pedrada bravia;
Por causa d'um magnate
Que o tal comboio trazia.

Puzeram penedo enorme
Na via, por sobre um trilho,
Pois qu'riam os assaltantes
Descarrilar o Carrilho.

O Ferrão, audaz, ingente,
Commissario d'uma canna,
Mandou prender meio mundo,
Metendo tudo na *chana*.

Foram presos estudantes,
Sapateiros, bachareis;
Até mesmo um sacerdote,
Pastor das almas fieis.

Inda, no meu entender,
Esta idéa cresce e medra.
Pr'a haver justiça completa
Falta só prender a pedra.

ENA.



Dizem que a ferradura é um signal de felicidade.
Por esta razão ha muita gente que não é capaz de vêr
uma ferradura no chão sem que a não apanhe em se-
gredo. Ora aconteceu que uma certa pessoa juntou em
casa muitos bocados de ferraduras, que por vezes havia
encontrado. Porém a sua infelicidade continuava. Foi
contar o facto a uma pessoa sua conhecida, que lhe
disse:

— As ferraduras não lhe dão felicidade por uma
razão: não são inteiras.

— Se o fossem?

— Se fossem inteiras, visto ter a dita de encontrar
tantas, escusava de comprar calçado.

NICODÉMUS



No Funchal, uma senhora deixa ao bispo a sua li-
vraria. O bispo vae e encontra as obras de Voltaire, de
Rousseau, d'Hollach, de Molière, e d'Alembert.

E o que faz o santo? manda queimar os livros, na
impossibilidade de mandar queimar os auctôres.

De que se salvaram os mortos, e como a gente sen-
te este escrupuloso prelado é dos taes que se po-
desse, ainda hoje, mandava queimar os vivos.

E' dos que vae para o céu, por direito de nascença.

Jardim de Epicuro

Muitos estão persuadidos de que chegámos ao limite das civilisações e que depois de nós o mundo acaba. São milenários como os santos das primeiras edades christãs; mas milenários segundo o gosto da época. O acreditar que o universo nos não sobrevive é uma especie de consolação.

Por mim, não descubro na humanidade nenhum symptoma de declinação. Eu não creio mesmo que tenhamos chegado ao mais alto grau da civilisação. Creio que a evolução da humanidade é lentissima e que as diferenças que se notam d'um século para outro, nos costumes, analysando-as bem, são muito menores do que parecem.

Estas ferem a nossa vista; mas as innumeráveis semelhanças que temos com nossos avós, escapam-nos. A marcha do mundo é lenta. O homem tem o genio da imitação. Não inventa coisa alguma. Ha na psychologia como na physica uma lei de gravidade que nos accorreta á terra. Theophilo Gautier que era philosopho a seu modo e que tinha o quer que fôsse de turco na sabedoria, notava, não sem melancholia, que os homens não tinham podido inventar, ainda, um oitavo peccado mortal!

Esta manhã, passando n'uma rua, notei que os pedreiros construíam uma casa e elevavam as pedras como os escravos de Thebas e de Ninive.

Vi casados que saíam da igreja para irem á taberna, seguidos do cortejo, cumprindo, sem relutancia, ritos, tantas vezes seculares. Encontrei um poeta lirico que me recitou os seus versos, que elle crê immortaes; e, durante este tempo, cavalleiros passavam na calçada, de capacete; o capacete dos legionarios, o capacete de bronze claro dos guerreiros homericos, d'onde pendia ainda para atemorizar o inimigo, a juba move-dição, que espantou Artyanax, no seio da bella ama. Estes cavalleiros eram os grandes da republica. Ao ver isto, lembrando-me que os cosinheiros de Paris, cossem o pão em fornos, como no tempo de Abrahão murmurei as palavras do Livro: «Nada ha novo debaixo do Sol». E não me admirei de governarem as leis que eram já velhas quando Cezar Justiniano as codificou.

A. FRANCE.



Em tempos houve uma grande peste, em Lisboa. Matou milhares de pessoas, a tal peste, segundo a chronica d'esses tempos e ao ir-se, o povo grato creou a procissão, que se fez na passada semana — a procissão da Saude.

Para que tal flagello se não repita, conserva-a a tradição e a crença.

Ora n'este tempo que vae correndo temos um governo que é uma peste grande e a tuberculose que é uma peste maxima. Não é pois uma, são duas pestes.

Não seria opportuno crear, aproveitando a idéa dos rapazes da Polytechnica, uma nova procissão que nos livre, agora, e nos preserve, de futuro, das duas?

Chamar-se-hia a procissão de D. Anna, visto ser a esta santa que se deve, d'oravante, a eliminação do mal — quero dizer do cuspo.

Ahi fica a idéa — de graça.

PRAGA DE GAFANHOTOS

Na patria dos varões assignalados
Que passaram além da Taprobana,
De crueis gafanhotos assanhados
Entrou a praga aterradora, insana:
Andam por todo o reino, os desalmados,
Atarantando a raça luzitana...
Mas o nosso governo não se abate,
E as tropas preparou para o combate.

Uns atiram-se ás réles hortaliças,
Que já faltam na Praça da Figueira,
Outros são o flagello das nabichas,
Que reclamam feijões com orelheira:
Alguns, fazendo figas ás preguiças,
Só se agarram ao nabo... de maneira
Que o pobre agricultor, de cara á banda,
Já não sabe dizer ás quantas anda!

Estes matam a raça do repólho,
Tempêro da domestica panella,
Aqueles só lhes faz luzir o olho
A alface repolhuda e a pimpinella;
Muitos rõem de grelos grande molho,
Outros couve, batata, beringela...
Bastantes só empregam seus furores
Co'as bananas que veem dos Açores!

Mate o governo bichos tão perversos
Que nos vieram seringar a vida,
E não lhe faltará chuva de versos
De idéa mais direita, ou mais torcida:
Triumphaes arcos lhe erguerá diversos
A patria justamente agradeida...
E de Lisboa muito além de Grandola
Estoirará no ar farta girandola!

Mas, governo que estás co'a mão na massa,
Redobra, se pudeses, teu alento
Para dar cabo da medonha raça
Dos grandes gafanhotos de S. Bento!...
Elles teem sido uma fatal desgraça
Para o nosso faval, dito orçamento...
Elles nos vão saltando tanto ao pello
Que tememos perder coiro e cabelo!

Oh! meu governo d'anjos! anda! atiga
Goipe de mis'cordia, mais que bom,
N'aquelles que não roem hortaliça
Mas rõem nos metaes sem tom nem som!...
Contra muitos, que engordam na preguiça.
Levanta-te, implacavel Cabrion;
E assim te offertarei, cirios devotos
Mas acaba, de vez, co'os gafanhotos.

VEN...



Il giorno di una desolazione in un campo di battaglia
— Tommaso Agostini, 1902 —



REVISTA SEMANAL de Critica, Politica,
ARTES LETRAS e COSTUMES.

DIRECTOR - MARCELINO MESQUITA

PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

Editor Antonio da Fonseca e Sousa Redação e Administração T. DA BOA-HORA, 39 Composição e Impressão Lythog. Universal LARGO DO CARMO, 17

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Estrangeiro Anno (52 num.)	1\$500 réis	Lisboa, provincias e Africa Portuguesa Anno (52 numeros)	1\$000 réis
Brazil Anno (52 num.)	2\$500 réis	Semestre 26 (numeros)	\$500 réis
Cobrança pelo correio	\$100 réis		

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39



DR. AFFONSO CELSO JUNIOR

Dr. Affonso Celso Junior

O dr. Affonso Celso Junior, natural do Estado de Minas Geraes, é filho do visconde do Oiro-Preto um dos exilados com o imperador D. Pedro II.

E' um jornalista de grande valor, poeta, e romanista. E' convictamente monarchico, e sustenta, ainda hoje, com fervor, as suas opiniões e crenças. Esta nota dá a energia do seu caracter.

E' membro da Academia Brasileira.



(CASOS E COISAS)

Pois quando cheguei a Lisboa, não se fallava d'outra coisa:—a Victoria!

A ultima sessão da Camara fôra um triumpho estupendo para o Governo. O sr. Arroyo, demosthenico e mathematico e loiro, esmagara o sr. Fuschini, já russo, que fugira da sala, tremulo, pallido, como saia o Rossi da sala dos juizes, quando comprehendia que perdera o dinheiro e a vingança, no Schyloc.

Antes d'elle já o sr. Hintze deitara abaixo o sr. Ressano Garcia, provando-lhe que os 2:215 contos de jubileu, não passavam de 2:215 réis, se tanto! e que os sete mil contos de deficit com que se vae entrar no proximo anno, feitos bem os calculos pelo sr. Carrilho, não devem passar de sete mil e tantos réis, coisa, ahi, para uma camisa ordinaria, de meia vara! Que esmagado com uma argumentação de rachar pedras, o sr. Ressano se sentara envergonhado e que reforçara o ataque o homem das ilhas, entre os berros da hoste, e que na sala das sessões caira o primeiro cadaver! Catrapuz. E vae um.

Que então, limpa a praça, quero dizer, feito o silencio que segue as grandes commoções, começara a falar, um velho parlamentar, cara de poucos amigos, sempre de nariz torcido,—o sr. Fuschini, o ex-ministro.

E, contos para aqui, consignação para acolá, deficit para cima, administração para baixo; traições para a direita, responsabilidades para a esquerda; surgira mais uma vez o innocente governo, que Deus, por sua infinita misericordia permite que nos dirija, para salvação da nossa querida patria, e despejo absoluto das nossas bolsas.

O' diabo que tal disseste! Salta de lá o Arroyo, engrossa a formar Mondego, turge a arremedar o Rhodano, e agora é que foram ellas. Aquillo não foi homem foi uma lança, um penedo, uma peça raiada, uma mestralthadora, um cataclismo! O que elle disse, o que elle provou!

Que o convenio era uma maravilha.

Que era mais do que uma maravilha, justamente por se darem mais 1:200 contos por anno; que não havia controle nem meio controle; que quem quizesse

aprender administração—n'essa uma cambada de paizes que vivem por esse mundo fóra—que era vir aqui; e que de resto por tudo respondia o sr. Hintze Ribeiro, e o governo que já tinha um plano de fazenda para fazer face, ás futuras despezas.

Eh! rapaziada, é abotoar casacos.

De dois grandes oradores da Greca se conta que falando um d'elles do discurso do outro, e repetindo-o, na impossibilidade de produzir o effeito desejado, exclamára: Ah! se tu o ouvisse declamar, a elle!

Aquillo do Arroyo só ouvido; porque é preciso juntar a este ataque, em campo aberto, o mecher da lança, o ondear do penacho, o gritar á hoste, o fuzilar do elmo, quero dizer das lunetas, o arremeçar da maça, que lembrava a de Carlos o Temerario, ou a de La Marck, o sanguinario!

Porque o sr. Arroyo foi sanguinario, sanguinario e sanguineo! Elle proprio confessou, que perdia com a indignação que o rebentava, a noção de piedade que nunca lhe fugira, até alli, de dentro das quatro cavidades do coração!

Porque n'essas quatro cavidades elle tem narizes de cera na primeira; um pianno na segunda; gergelim e amendoa doce na terceira; e a espada implacavel da justiça, na ultima. De modo que para a espada sair e fazer sangue precisa atravessar o gergelim, saltar por cima do pianno e derreter os narizes!

Ora o sr. Fuschini tanto lhe destrambelhou os ventriculos que apanhou com a espada.

Que o sr. Arroyo é um tyranno sem piedade já é sabido do paiz, desde que o sr. Sousa Bastos assim o cognominou, n'uma revista, em flagrante patuscada nas hortas. Mas tanto ninguem o imaginava; se bem que se saiba da historia, que os grandes tyrannos, Nero, Diocleciano, Luiz XI, Henrique VIII, Phillipe II, Telles Jordão e o Juiz Veiga —eram ruivos!

N'esta ridicula comedia parlamentar, feita de ardeices e manhas fingiu cair uma maioria que o sr. Hintze mandou para aquella casa, como servos da gleba, ás ordens do dono. Cairam as mulheres ingenuas das galerias, os idiotas que por lá estivessem porque haviam de ser em maior numero de que os assizados. Fingiu cair, no dia seguinte a ladina imprensa ministerial caíra, seguramente, o paiz na maioria dos seus homens, mais dados aos trabalhos serios de grangear a vida, de que a escarpellar manhas de convenio, rabulices de oradores, falcatruas politicas, trucs de fajardos, economias politicas da Mouraria.

E' isso que desconsola e indigna. Aqui não se defendem gregos nem troianos. De ha muito conhecemos a anedocta do maestro Frondoni que encontrado a lavar a cara na bacia onde lavara um olho, respondeu, á espantada visita: — que ha que espantar? E' tudo Frondoni.

Essa administração, miseravel e criminosa que leva aos convenios vem de ha muito; ella fez com que Oliveira Martins intitulasse, na sua Historia de Portugal— Historia feita dignamente—o periodo de ha trinta annos para cá:—o Regabofe.

Este regabofe, este descaramento governativo, este cynismo dos governantes, levaram n'os á responsabilidade d'uma divida colossal; ao descredito lá fóra, á vespera d'uma catastrophe.

Trava-se essa onda de descredito com milhares de contos perdidos, com o perigo de intervenções estranhas, e quando um paiz pretende saber até onde chega o sacrificio, se ha clausulas secretas, o que ha, em-

fim, como é, em toda a clareza e simplicidade o contracto que ha de garantir com o seu trabalho, com o seu suor, com a sua bolsa, levantam-se estes actores requintados, e o que respondem a quem lh'o pergunta: —peor fez o sr. A; muito peor o sr. B! desgraçadamente o sr. C!!

Mas que temos nós com isso?

O que o paiz pergunta é pelo que os senhores fizeram, ou fazem, ou querem fazer. E tem o direito de o saber esse paiz que paga e sobre quem tem de cair as responsabilidades do que os senhores fizeram. Quem pergunta não é o sr. A, ou sr. B, ou sr. C. é o paiz, ouvides, berradôres de má morte? é o paiz que quer saber. é o Lazaro que enterraes dia a dia. Respondei, dizei claro, lealmente, dignamente.

Isso dizem, elles. *Paroli, Paroli...* como criticava Hamlet.



O PARABOLA

(Da peça dos estudantes)

Para se vêr aonde chega—analizada a frio a celebre sessão, que ficará na Historia, dos annaes Regeneradores como a Aljubarrota do rei Hintze, o ridiculo da politica e dos politicos portuguezes, o chinfrim e reles conceito, direi melhor o valôr que tem essas exhibições burlescas de discussões inuteis, de patriotismos velhacos, de manifestações hypocritas, basta vêr as noticias, de chapa, dos jornaes da grey, no dia seguinte, ao batuque:

Uma d'ellas; falla Arroyo:

«Não pode haver misericordia para esse homem cuja obra tantos e tão profundos dissabores tem causado aos ministros dos negocios estrangeiros do seu paiz n'estes ultimos nove annos.

— Para traz, e de joelhos, ministro de 1893!

Uma ovação extraordinaria cobre estas palavras do sr. Arroyo.

Isto é do Principe Real, mas de peor especie.

Eu tenho um amigo que tem por costume dizer-se, agracejando, auctôr de peças. Arranja uns titulos pantafaçudos, comicos, e recita-nos phrazes de dramalhões classicos, com que elle diz terminar este ou aquelle acto da supposta peça.

Tem a faculdade de semelhar um apito e o ruido do panno que desce.

Nas suas horas de alegria, que são quasi todas, — isto passa-se em geral em camarins de theatros— quando alguem entra, de novo, levanta-se elle, franze o sobrólho e exclama deante do recémvindo:

— Para traz, miseravel, de joelhos infame, queres matar o filho da Dona Angelica?

N'isto apita, arremeda o panno caindo, e deixa-se tombar n'uma cadeira.

Ha uma gargalhada geral.

— O que é isso?

— E' o final do 3.º acto da minha nova peça— *A honra manchada n'um bosque.*

A gargalhada redobra.

E' esta a gargalhada que um paiz sério devia soltar, como commentario justo de farçadas, e de objurgatorias de theatros de feira.

E fique certo esse paiz, que ou hade resolver-se e rir, um dia, ou tem de chorar amargamente, longos annos!!



Homens que desejaes reformas e canceliras!
Que andaes a desdobrar, a augmentar cadeiras!

Como vós as sabeis sem precisar de tel-as,
Os outros p'ra as saber não neccesitam d'ellas.

Mais cadeiras querer, nada é de transcendencia:
E' pensar na mobilia e nunca na sciencia!

A natureza, olhae, que, p'ra nos commover,
Não precisa sequer de que saibamos lêr!

Ella ensina-nos mais com as suas collinas,
Do que vós ensinaes com livros e doutrinas,

Depois de discutir, conclusis que na vida
A força sempre vence e a fraqueza é vencida.

Ella, com uma flôr, o mesmo nos mostrou:
Sob arvore se abriu, pouco depois seccou!

Da luz não recebeu beijos que a luz mandava:
A outra os recebia, a outra lh'os roubava!

Emquanto vós pensaes nas leis coloniaes,
Colonisa ella a terra erguendo os vegetaes!

Emquanto vós creaes a fama do talento—
Ursos com boa voz e bom comportamento,—

Abre ella novos sóes, cujo vôo duradoiro
Cria flôres de neve e alvoradas d'oiro!

Cadeiras, afinal, são boas para os velhos:
P'rá mocidade não! que tem d'aço os joelhos,

E precisa ser forte e energica na vida:
Não a queiraes sentar: deixae andal-a erguida!



Os portuguezes residentes no Brazil pensam em crear *camaras do commercio* para assim facilitarem a expansão commercial portugueza, nos mercados da Republica.

Ha ainda d'estas noticias consoladôras, no meio d'esta barafunda de interesses, de partidarisimos, de syndicates, com ares de politica elevada.

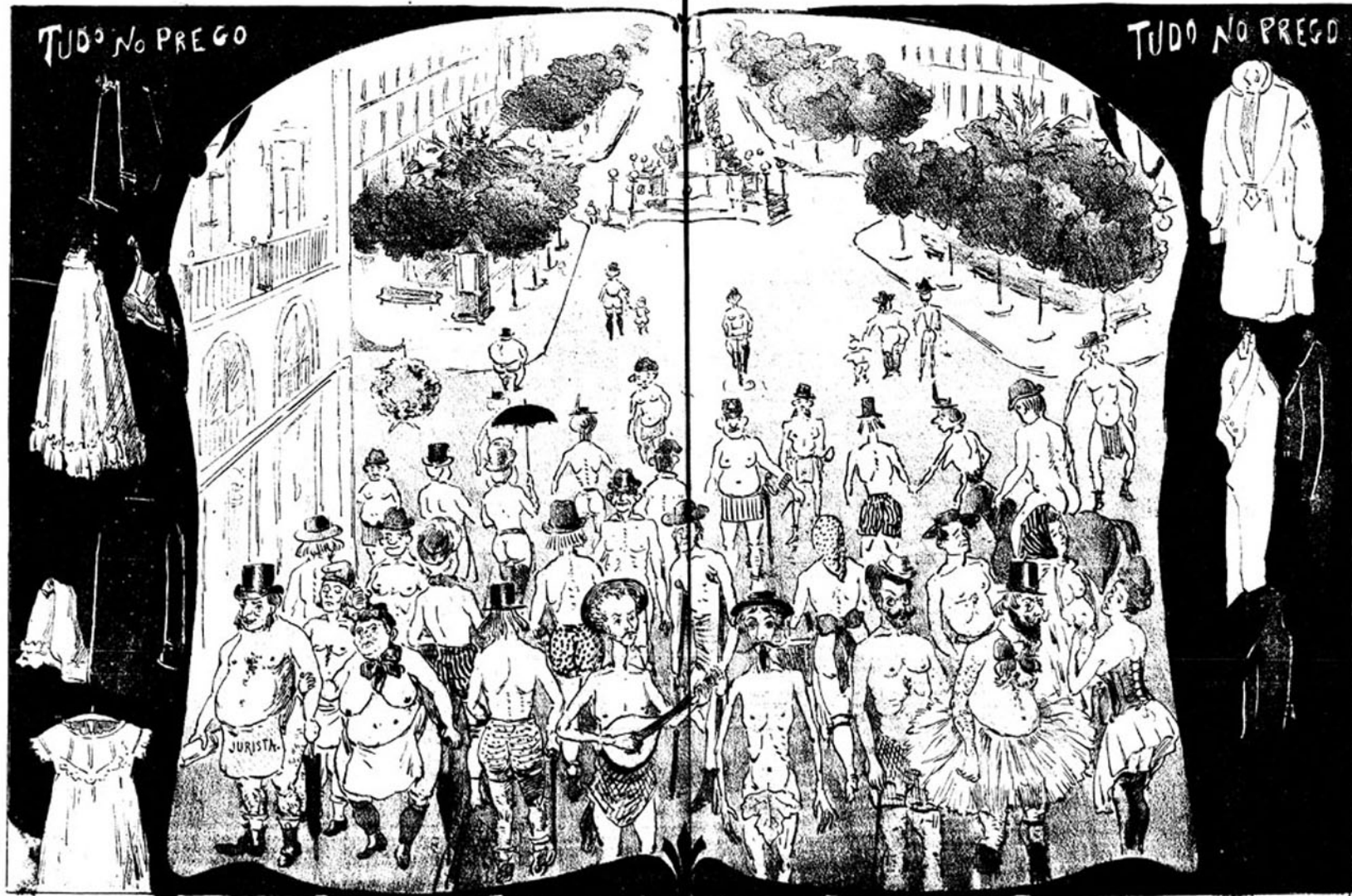
Isto nos convence que dentro em pouco, quem quiser achar um portuguez, tem de procural-o lá fóra.

NO PAIZ DO SOL... E DO

A Avenida de... do convenio

TUDO NO PREGO

TUDO NO PREGO



Figurinos da alfayeria Hintze Ribeiro e Comp.



CANCIONEIRO ALEGRE

Castigam, no Limoeiro,
Os prezos de ruins manhas
A mocado... E' curioso
Um limoeiro e já velho
A dar, agora... castanhas.

* * *

Tem o Veiga uma querella
Porque sae fóra da lei:
Apanha; ninguem que diga:
D'est'agua não beberei.

* * *

De quando em vez, faz-se ruskas
E, noto a coincidência
Que se fazem quando os crimes
São de menor frequência.

* * *

Parece o caso um aviso
Ao socego do faquista:
P'ra que lhe serve a navalha,
Você é padre ou fadista?

* * *

Porque, depois de irritarem
O bicho, na Boa-Hora,
Abrem-lhe a porta e atiram-n'o
A' cidade, por hi fóra.

* * *

Prender ao dono a navalha
Ha muita gente que diga
Ser toló, se não prenderem
A' outra gente a barriga.

* * *

Em Hespanha a velha torre
Da cathedral foi ao chão,
Sem a abanarem, sem rato...
E o caso fez sensação.

* * *

De pedra e cal e direita
Como um altivo pinheiro...
Lembro este caso ao gigante
Presidente, ilheu, Ribeiro.



Na Russia, o bispo catholico de Vilna publicou uma pastoral aconselhando os paes a que não mandassem seus filhos ás escolas orthodoxas; o governo destituiu-o temporariamente das suas funcções e prendeu-o.

O cardeal Rampolla, tendo conhecimento d'este facto, reclamou-o immediatamente em nome do papa.

O resultado d'esta reclamação foi a destituição, de temporaria, passar a definitiva, e enviar o governo russo ao cardeal Rampolla a seguinte resposta: «Nicolau II é tão papa em S. Petersburgo como Leão XIII o pôde ser em Roma.»

E, aqui está como o governo russo e Nicolau II acabam de adquirir um passaporte para os quintos dos infernos.

Ora, porque não havemos nós de correr tambem com esses nuncios politicos, que vem para ahi metter-se em questões internas do nosso clero, dar ordens, intrigar, massar a humanidade. Que nos importa e que importancia tem hoje para nós o papa, a côrte de Roma e toda essa caterva de parasitas do trabalho alheio, de mandriões, de egoistas, de reaccionarios? Para que é hoje precisa Roma? para nada! O que significa perante a vida d'uma nacionalidade a existencia, a vontade, o prazer do papa? Nada. Coisa nenhuma. Já não depõe ou põe reis no throno: os raios do Vaticano transformaram-se em simples valverdes; o que significa pois, a serio, essa côrte espiritual, vivendo de milhões que arranca á ignorancia ou á estupidez, para armar os carlistas, para fomentar guerras fratricidas, para combater a sciencia e a liberdade?

Era tempo de acabar com considerações e salamaques, com essa mascarada cheia de ouro, com esses poderosos, por convenção cheios de arrogancia e de hypocrisia. Era economico, era sensato, era logico.

Particularmente sejam o que quizerem: oficialmente coisa nenhuma.

Quando esses Rampollas e Mazellas vierem para ahi dar ordens, não seria digno dizer-lhes como o governo russo?

O cavalheiro vem rezar, confessar beatas e parvos, abrir o caminho do céu aos idiotas? Muito bem. Está no direito que a nossa liberdade lhe dá: elles estão no dever que as suas ignorancias lhe impõem. Mas isso só. Logo que o cavalheiro, indique logares, nomeie priores, imponha estrangeiros e jesuitas o cavalheiro vae posto na rua, porque, emfim, o governo de Portugal é tambem papa em sua casa.

Era tempo; mas não se dirá, porque os nossos grandes homens, confessam-se e commungam no Quelhas! Não admira que para os casos do espirito andem pelo cathecismo primario, se elles em politica não vão além dos merceiros da capital.

A mercearia e a religião catholica entendem-se.



Jardim de Epicuro

O christianismo fez muito pelo amor, declarando-o um peccado. Excluiu a mulher do sacerdocio. Teme-a. Mostra quanto a mulher é perigosa repetindo o *Ecclesiastes*: «Os braços da mulher são semelhantes aos laços dos caçadores, *laqueus venatorum*». Aconselha-nos a que não depositemos n'ella a nossa confiança: «Não vos apoiéis sobre o fragil caniço que o vento agita». Avisa-nos contra a hypocrisia d'aquella que perdeu o genero humano: «Toda a malicia é pequena comparada com a da mulher».

Para comprehender o senti-lo d'estas maximas é preciso ter convivido com os mysticos, ter lido nos pequenos volumes que abrem o mundo sobrenatural ás almas candidas, e onde a pureza tem um tal valor que a voluptuosidade se torna—duplamente preciosa.

Pela sua belleza a egreja fez de Aspasia, de Lois, de Cleopatra, demonios, mulheres do inferno.

Que gloria! Uma santa, mesmo, não será indifferente a tal horror. Quando o pobre Santo Antonio lhe grita: «Vae-te, besta!» este temor lisongeia-a. Encanta-a o perigo que é.

Não vos desvaneças porém, irmãs; os vossos avós do tempo do mammouth e do grande urso não tinham esse poder sobre os homens; estes assemelhavam-se aos animaes e vós a elles. Para serdes a terrivel maravilha que sois hoje, causa indifferente e soberana dos sacrificios e crimes, foram precisas duas coisas: a civilisação que vos deu azas, e a religião os escrupulos. D'então sois um segredo, e sois o peccado. Sois o sonho, a condemnação, o desejo: a loucura do amor entrou no mundo. Tendes razão de amar o christianismo porque vos centuplicou o poder.

A. FRANCE.



PANDEGOS

O Beirão, azedando-se-lhe o genio,
Que em outros tempos era de velludo,
Diz cobras e lagartos do Convenio
Porque vem d'uma vez arrazar tudo.
Da camara tremer faz o proscenio,
Grimpado em alto estylo campanudo...
Diz que se elle passar, por desventura,
Lá fica Portugal á dependura!

O illustre lidador, o seu Zé Dias,
Encontra no Convenio altas mazellas;
Entende que não ha economias,
Para pagar antigas lambedellas:
Que os tributos redundam em sangrias,
E que as veias do Zé, coitadas d'ellas,
Já estão esgotadas de tal sorte,
Que tirar-lhe mais sangue é dar-lhe a morte,

O famoso orador, senhor Mattoso,
Lê por diversa, festival cartilha;
Teima que este paiz vae ser ditoso
Se fôr ávante a nova maravilha:
Que o agio nos será menos custoso
Por que tudo em seus eixos encarrilha...
Que nós, bons luzitanos e pacatos,
Dinheiro vamos ter que cheire a ratos.

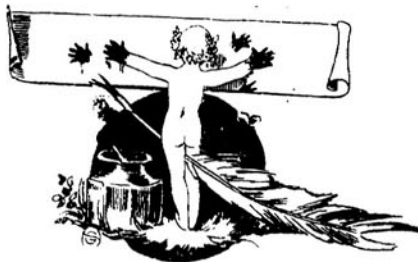
O senhor, que é Garcia e que é Ressano,
Faz do Convenio tetrica pintura,
Diz que vamos parar para o guano
Se vingar a estupenda diabrura:
Que elle é que tem guardado um novo plano
Para acudir á nossa desventura...
Porém que o traz por ora engarrafado
E que espera de o vêr desenvolvido!

O grande Hintze levanta-se direito,
Sublima as suas phrases a primor,
E diz que, se o Convenio está mal feito,
Ninguem era capaz d'outro melhor;
Que a pelle inda cá fica sobre o peito,
E das antigas glorias o esplendor...
E que talvez a patria feliz seja
Se cumprir os jejuns que manda a egreja!

Levanta-se o Arroyo com ardencia,
Nem de amigos já quer ouvir conselhos,
E, p'ra lhe dar de culpas penitencia,
Manda pôr o Fuschini de joelhos:
Este, depois que ouviu sua excellencia,
Atarantado foge, como os coelhos,
Se um destro caçador busca maneira
De os ir vender na Praça da Figueira!

E tudo isto caminha de mistura
No paiz, a que chamam do calote;
D'aqui surge a feroz descompostura,
D'alli um elogio amigalhote:
Tudo quanto governa é gente pura...
Mas não sabe onde está o seu capote.
O Zé que vive sempre em lufa-lufa,
E sempre vae pagando... e nunca bufa!

VENANCIO.



REAL INSTITUTO DE LISBOA

1.^o
concerto matinée



O primeiro concerto realizado pela orchestra e orpheon do Real Instituto de Lisboa no domingo 20 do corrente, no salão do Real Conservatorio— foi uma festa brilhante.

A *Comedia Portuguesa* publicando hoje os retratos de Antonio Cabreira, director do Instituto; Guilherme Ribeiro, director do orpheon; Julio Cardona, director da orchestra; e Larcher, secretario da escola de musica. honra-se em os incluir na sua galeria de homens distinctos. Não esquece tambem os nomes dos solistas: J. Henrique dos Santos, Hernani Torres, David de Sousa e Wenceslau Pinto, que contribuiram para o magnifico exito do concerto.